



**A TRADUÇÃO, A VESSO DA RELUTÂNCIA:
FREUD, SAUSSURE, LACAN E ASSIM POR DIANTE**

**TRANSLATION, THE REVERSE OF RELUCTANCE:
FREUD, SAUSSURE, LACAN, AND SO ON**

Paulo Sérgio de Souza Jr.¹

Resumo: No ensaio “Luto e melancolia”, Sigmund Freud não tematiza diretamente a linguagem. Entretanto, o seu célebre texto reverbera formulações desenvolvidas pelo autor em obras anteriores, fundamentais para pensar não apenas o passado e a perda no sentido corrente, mas a própria dimensão da linguagem enquanto perda e o que nela tem a ver com desdobramentos possíveis ao falante. Dito isso, a partir da tradução como chave de leitura, o presente artigo tem como objetivo investigar o fenômeno do luto, da perspectiva da psicanálise freudiana, sob o efeito das elaborações de Ferdinand de Saussure no âmbito das línguas; e por meio do que disso reverbera nas formulações de Jacques Lacan, oferecer uma contribuição para pensar o luto, no universo do sentido, como condição humana capital à viabilidade do futuro.

Palavras-chave: tradução; luto; psicanálise.

Abstract: In the essay “Mourning and Melancholia”, Sigmund Freud does not deal directly with language. However, his famous text reverberates formulations developed by the author in previous works, which are fundamental to think not only about past and loss in the current sense, but also about the dimension of language itself as loss and what it has to do with possible unfoldings for the speaker. That said, using translation as a reading key, this paper aims to investigate the phenomenon of mourning, from the perspective of Freudian psychoanalysis, under the effect of Ferdinand de Saussure’s elaborations in the field languages; and through what reverberates from this in Jacques Lacan’s formulations, to contribute in thinking about mourning, in the universe of meaning, as a key human condition for a feasible future.

Keywords: translation, mourning, psychoanalysis.

1. INTRODUÇÃO

Para além do contraste oferecido para pensar um estado patológico do psiquismo (FREUD, [1915] 2011, p. 45), o fenômeno do luto parece não ter constituído um interesse flagrante no arcabouço da obra freudiana. A expressão “trabalho de luto”, por exemplo, que tanto rendeu na literatura psicanalítica, aparece apenas duas vezes em toda a obra do autor: ambas no mesmo ensaio célebre, escrito em 1915 e publicado em 1917. Ensaio que, a partir de então, será referência incontornável para discutir o tema no âmbito da psicanálise e, de certo modo, também fora dela (LUSSIER, 2007).

Ali, Sigmund Freud define o luto como “a reação à perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja em seu lugar, como pátria, liberdade, ideal etc.” (FREUD, [1915] 2011, p. 47; trad. modificada). Econômico, o autor encerra a sua enumeração no terceiro item, deixando

¹ Centro de Pesquisa Outarte, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil. Grupo de Pesquisa Tradução e Psicanálise, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil. contra_sujeito@yahoo.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2393-5469>

em aberto a possibilidade de a ele fazermos coro, em contentamento com o elencado de seu alvitre; ou de nos aventurarmos a inteirar – nós, leitores, com as nossas próprias experiências de perda – a listagem dos possíveis aditamentos ao arranjo inicial.

Não trataremos aqui do trio que o texto imprime, embora seja sempre digno de nota, sobretudo em tempos de crise – diga-se de passagem, foi em meio à Grande Guerra (1914-1918) que Freud trabalhou nesse seu ensaio. Tampouco nos dedicaremos a pensar o que poderia suceder a esse arrolamento, caso ele se pretendesse exaustivo; isso porque, no campo da linguagem – que é perda, e que sabe bem disso (PONTALIS, [1990] 1991, p. 120) –, o rol do que se perde é sempre mais extenso que o daquilo que já se teve um dia. Optaremos por uma via oblíqua: o caminho indicado pela *abreviatura* que se encontra ali, faceira, bem no fim da picada freudiana, operando como um *desfecho* ao pé da letra (algo que, ao mesmo tempo que encerra, também abre passagem).

2. SIGMUND FREUD E O *FACTUM LINGUÆ*

Simultaneamente brecha e sutura, “*etc.*” é uma dessas ocasiões da prática verbal em que o jogo de presença-ausência acentua, na língua, o sabor de seu próprio veneno. Trata-se de um ponto em que, numa flagrante “curva perfeita” (FOUCAULT, [1963] 1999, p. 12), a palavra se volta sobre si mesma e, não encontrando nada além de seu próprio eco, reatualiza de forma inconfundível esse divórcio primordial que o verbo nos impõe desde o princípio em relação à coisa, que resta inacessível. Uma perda que, para os falantes, implica que todo encontro com a coisa seja sempre diferido no tempo; não passe de um reencontro mediado pelo sentido que a própria ordem da palavra instaurou num passado mítico. Assim, é lícito supor que “*etc.*” estenografa a *linguagem humana* enquanto tal, ou cada *língua natural* em particular: os seus fatídicos encadeamentos verbais; as suas construções de mensagens a partir de outras mensagens (BENVENISTE, [1952] 1976, p. 65) que, diferentemente da comunicação animal, mesmo que redundem em morder a própria cauda, são sempre passíveis de um “... *e assim por diante*” – afinal, no tempo, a linguagem sobrevive não só a todo enunciado, mas também a qualquer falante.

Desse modo, na breve lista freudiana, essa abreviatura que aponta para o desfiladeiro dos significantes é, ela própria, o elemento transcendente por excelência: aquele que dela faz parte e, simultaneamente, a extravasa. Na qualidade de elemento dessa série, portanto, uma língua é também aquilo que pode dar vazão a um trabalho de luto. E luto, aliás, é algo que ela sempre terá suscitado; minimamente para todos aqueles que, hoje falantes, outrora foram forçados a entrar neste picadeiro linguístico, abandonando outras possíveis paragens. Luto que, num segundo momento, torna a se impor a alguns sujeitos em especial, sobretudo àqueles que se propõem a tomar as línguas como objeto estético e/ou teórico, para manipulá-las, teorizá-las ou vertê-las uma na outra.

Se a perda da pátria, da liberdade e do ideal é digna de luto – como quando se perde uma pessoa querida, segundo Freud –, que dirá a perda da língua, na qual aquilo que queremos bem ganha nome, tom e contorno. Nesse sentido, essa faceta – que supõe pensarmos a língua como *idioma* (língua de um povo) – é a que se deixa ver em condições adversas de emigração, em rearranjos de fronteiras entre nações, em contextos coloniais em que houve interdição das línguas dos povos colonizados. É também a que rescalda de forma mais evidente os outros três elementos da série: afinal, a relação entre pátria e língua é de longa data (HALL, 1995); a liberdade é, no limite, um exercício verbal, como nos ensinam a censura e as constrições internas à própria linguagem (BARTHES, [1977] 1978); e o ideal é uma construção conceitual, uma “*ficção prática*” (VAIHINGER, 1922, p. 67) – logo, de natureza linguística, como toda ficção.

Não custaria advertir, portanto, que a linguagem enquanto campo não apenas se deixa minimamente isolar, como também abarca – de modo mais ou menos explícito – as demais experiências particulares de perda que o texto freudiano aventa. Aqui, no entanto, para além da língua enquanto idioma, e as possíveis perdas que lhe podem estar associadas, interessa-nos também a própria língua enquanto perda. Pois se é bem verdade que Freud não tematiza a linguagem em “Luto e melancolia”, é incontestável que a sua experiência em teorizar a perda no âmbito do aparelho de linguagem foi precisamente o que, anos antes, deu azo a um de seus

primeiros passos na direção da coisa psicanalítica. Decerto remetemos a *Sobre a concepção das afasias* (FREUD, [1891] 2013), que gira em torno justamente do quiasma que aqui nos interessa.

Dali, a perda como algo constitutivo, estruturante em termos psíquicos, acompanhou Freud em seus passos pelas veredas da histeria (FREUD, [1893-95] 2016), diante de casos em que se podia inferir que essa perda, por alguma razão, não se havia consumado – resultando, pois, num sujeito relutante em relação à posse de algo que ele teima em não deixar passar. E se, para a linguística, ficará claro que adquirir uma língua sempre implica uma perda substancial em relação às possibilidades fônicas do dito “ápice do balbucio” – já que “o bebê perde praticamente toda sua habilidade para produzir sons quando passa do estágio pré-linguístico para a primeira aquisição de palavras” (JAKOBSON apud HELLER-ROAZEN, 2005/2010, p. 8) –, vemos que Freud e a psicanálise não estão sozinhos no entendimento da perda e da linguagem como avesso e direito de uma só e mesma coisa; de uma só e mesma causa que se descreve, estruturalmente, em dois tempos.

Em suma, se a aquisição de linguagem melindra o corpo em suas potencialidades difusas; simultaneamente, porém, faculta-lhe esse universo futuro do “... e assim por diante”. Um universo que se desdobra no tempo, desenhando uma cronologia, isto é, que reconhece a possibilidade de mais uma volta no parafuso da palavra nas tentativas e tratativas do dizer. Assim, se a dimensão da perda no campo das línguas naturais impõe-se ao *infans* desde o começo, entremeada à dimensão de seu próprio corpo em meio ao que o cerca (CORDEMOY, 1668; PÉCHARMAN, 1995), é também essa perda que irá viabilizar ao futuro falante não só a sua entrada na cultura – e no mal-estar que lhe é inerente (FREUD, [1930] 2020) –, mas a possibilidade de nela circular de uma certa maneira. Isto é, não apenas como objeto do dizer do outro, mas também como sujeito de uma palavra que, a partir de um dado momento, se arvora sua; como alguém que é capaz de dizer “eu”, com todas as vicissitudes que se dão a ver ou ouvir no processo de aquisição de primeira língua (DE LEMOS, 2003).

E se a perda se encontrar de algum modo em xeque, os efeitos de sua inação se farão notar. A afasia, por exemplo, seria uma situação-limite – logo, privilegiada – para pensar o modelo de funcionamento daquilo que poderíamos chamar de *perda da perda*. Ao contrário do que geralmente se pensa, afinal, ela “não representa um tipo de esquecimento, mas o seu oposto: uma forma aguda de rememoração, na qual os indivíduos, não desejosos ou incapazes de ‘rearranjar’ ou ‘retranscrever’ os ‘signos’ de suas percepções, se lembram, por assim dizer, demais”. Com isso, o afásico poderia ser descrito como alguém que se encontra condenado “à recorrência perpétua de um enunciado à custa de todos os outros” (HELLER-ROAZEN, [2005] 2010, p. 123); ou, dito de outro modo, alguém para o qual uma possível *função-etc.* se encontra, por alguma razão, sobrestada.

É o que se percebe, aliás, para além das afecções de linguagem propriamente ditas: se “os afásicos de Freud fazem menos do que poderiam porque ‘sofrem primordialmente de reminiscências’”, é porque têm algo em comum com as histéricas em termos de funcionamento psíquico. Assim como as pacientes descritas em *Estudos sobre a histeria* (FREUD, [1893-95] 2016), portanto, os falantes acometidos por afasia são “assombrados por aquilo que outrora percebiam e eram capazes de enunciar; parecem estar ligados a um passado que não admite ‘tradução’ alguma e seu mutismo atesta sua impotência diante da mais impiedosa das memórias”, a saber: “aquela que não pode ser reescrita no tempo” (HELLER-ROAZEN, [2005] 2010, p. 123; grifo nosso).

A tradução, entendida como tradução *relevante* (DERRIDA, 2000), cumpre o papel daquilo que *faz passar* de um tempo a outro. Ela permite que as inscrições outrora realizadas no aparelho psíquico se reescrevam numa série temporal (“... e assim por diante”); faz com que elas saltem os limites, conferindo-lhes não apenas certa mobilidade, mas historicidade, já que o *primeiro* tempo só é digno desse nome a partir do momento em que o segundo se instaura. De acordo com Freud, trata-se de algo imperativo: se “as consecutivas inscrições representam o desempenho psíquico de sucessivas épocas da vida”, então, “na fronteira entre duas dessas épocas, a tradução do material psíquico *tem de se produzir*”. Afinal, segundo ele, “as peculiaridades das psiconeuroses” devem-se justamente “ao fato de que, para certos materiais, a tradução não se tenha produzido – o que *tem certas consequências*” (FREUD, [1896] 1950, p. 187; grifo nosso).

Se as afasias legaram a Freud a noção de que a reminiscência pode ser patogênica – em contraposição ao desejável esquecimento que *viabiliza* (a reescrita, a reinscrição) e *faz passar* (o sintoma, a doença) –, encontramos em “Luto e melancolia” o eco dessa mesma fórmula; dessa mesma forma de pensar a relação com o texto psíquico, digamos, *original*. O que está em jogo ali, no fim das contas, é a possibilidade do desprendimento; do desapego em relação a algo que, enquanto ponto de partida, durante um período, persiste como compasso de espera – mesmo com todos os indícios de que o objeto investido deixara de existir e que o tempo, agora, é outro.

O trabalho do luto, portanto, seria o esforço em bascular na direção de um dos sentidos disso que o português brasileiro nos prontifica por meio de uma justa locução que condensa a imperfectividade do passado e a pontualidade da surpresa, isto é, quando dizemos que algo *já era*. Dessa forma, o luto culmina como *selo da perda*, pois é por meio dele que o investimento que segura a sombra do objeto já inexistente é capaz de, efetivamente, deixar-se – e, por consequência, deixá-lo – ir. Parafraseando Freud em seus *Três ensaios*, podemos dizer que, se “o encontro do objeto é, na verdade, um reencontro” (FREUD, [1905] 2016, p. 143; trad. modificada), então *perder o objeto é, na verdade, tornar a perdê-lo*. Ou ainda: que a dimensão ordinária do luto consistiria em encontrar os termos possíveis, que não pela via da relutância, para se relacionar com essa perda dita primordial.

Trata-se assim, no luto, de se haver com o não atual, com o inexistente, chancelando um esvanecimento; trata-se de, por meio da finitude do outro, reconhecer a própria finitude e fazer algo a partir disso que é sempre ressonância, vestígio e devir-cicatriz. Um movimento que tem lá o seu custo psíquico, já que cabe ao sujeito impingir uma força para que o ponteiro complete, a contragosto, a sua volta no relógio. Afinal, se é bem verdade que o trabalho realizado pelo luto acontece quando “a prova de realidade mostrou que o objeto amado já não existe mais e agora exige que toda a libido seja retirada de suas ligações com esse objeto” (FREUD, [1915] 2011, p. 49), também se pode afirmar que isso não se dá sem atrito, pois “a pessoa não abandona de bom grado uma posição da libido, nem mesmo quando um substituto já se lhe acena” (FREUD, [1915] 2011, p. 49; trad. modificada). O fato é que, quando não realizado a contento, esse mesmo movimento corre o risco de resvalar para o sentido inverso da expressão mencionada; sentido que aponta não para uma realocação do passado, mas para uma revogação do futuro: sabe-se que em sua acepção melancólica, por assim dizer, “*já era*” denota precisamente a impossibilidade de existir, acontecer ou se realizar.

A entrada na linguagem, nesse sentido, seria o primeiro momento em que o sujeito é convocado a fazer esse luto, não apenas de suas próprias potencialidades articulatórias – como mencionado acima a respeito do balbúcio –, mas também disso que é a *língua do outro*, mediante as mudanças de posição na estrutura realizadas pela criança em relação à fala do adulto (DE LEMOS, 2002). E se podemos dizer que a língua adquirida é a língua do adulto enquanto língua estrangeira, também podemos supor que, uma vez consumado o processo de aquisição – quando o sujeito é capaz de falar e escutar a própria fala, produzindo reformulações e correções em seu próprio discurso –, aquela língua primeira já não existe mais do ponto de vista da criança, pois a relação de estrangeiridade que tinha com ela enquanto *infans* terá deixado de existir.

Há aí uma reinscrição que faz dela a *sua* língua e, ao mesmo tempo, referenda a inscrição primeira que terá sido a incidência da língua do outro. Nesse sentido, a aquisição do pronome de primeira pessoa do singular seria o epítome do que se pode chamar de *prototradução*, a tradução primordial, pois é nela que o sujeito retumba: ao mesmo tempo em que vela o dizer do outro (pois seu *eu* eclipsa o *você* e o *ele*), também o faz soar (pois é do *eu* de outrem que o seu próprio se decalca) – ato de fala que será redemandado ao sujeito falante ao longo da vida. Em contrapartida, a relutância melancólica figuraria, ali, por meio do que há pouco chamamos de *revogação do futuro*, intimamente relacionada à inviabilização do eu enquanto sujeito da enunciação; sujeito que, descolado do puro decalque do Outro, abriria ao falante as alas para o exercício de seu próprio desejo: “no luto é o mundo que se tornou pobre e vazio; na melancolia, é o próprio eu” (FREUD, [1915] 2011, p. 53).

O *factum linguae*, isto é, o fato de que isso que falamos é uma *língua*, e não outra coisa (MILNER, 1989; BENVENISTE, [1952] 1976), localiza a dimensão da tradução e do luto tanto nos rudimentos da constituição do falante – e da constituição subjetiva – quanto na sua prática linguística ulterior. Assim, podemos supor inevitável que algo disso respingue na posição do

sujeito em relação a outras línguas que não aquelas que ele chama de suas; e, por conseguinte, na experiência interlingual que Roman Jakobson denominou “tradução propriamente dita” (JAKOBSON, [1959] 2003 p. 65).

3. FERDINAND DE SAUSSURE E O *FACTUM LINGUARUM*

Filho genioso dos movimentos que o antecederam, Saussure não titubeava em reconhecer o descompasso no qual se encontrava frente às concepções estabelecidas pela intelectualidade gramatical de sua época. Afirmava, por exemplo, que “quando se trata apenas das coisas universais que se pode dizer sobre a linguagem”, ele não se sentia “de acordo com nenhuma escola, nem com a doutrina razoável de Whitney e nem com as doutrinas desarrazoadas que ele vitoriosamente [combateu]” (SAUSSURE, [2002] 2004, p. 183).

Em todo caso, o genebrino não tinha em mente a fundação de uma nova disciplina, a despeito do que depois se lhe atribuiu em termos de paternidade da linguística moderna. Jovem prodígio em sua área de pesquisa, ele perscrutaria um método no qual fundamentar um campo já existente e, diga-se de passagem, em franca ebulição há algumas décadas: a gramática comparada do indo-europeu, domínio de investigação que absorveu os estudiosos da linguagem ao longo do século XIX (MILNER, [1978]2009, p. 51) e do qual Saussure, intelectual judicioso, aferia tanto os sucessos quanto as insuficiências (MILNER, 2002, p. 23).

Nesse contexto, ao pesquisador convinha conhecer vários idiomas, de modo a poder circular entre eles, já que seria na confrontação de uma língua com a outra que algo da sua verdade (histórica e material) poderia advir. Assim, caberia ao linguista reconhecer as *diferenças* que as línguas apresentam entre si, evidentemente, e também aquelas que uma mesma língua apresenta quando distendida no tempo; mas também, e sobretudo, vislumbrar a *unidade* por trás das suas dessemelhanças, tanto na sincronia quanto na diacronia:

O ideal seria que cada estudioso se dedicasse a uma ou outra de tais pesquisas [sincrônica ou diacrônica] e abarcasse o maior número possível de fatos nessa ordem; é, porém, muito difícil dominar cientificamente línguas tão diferentes. Por outro lado, cada língua constitui praticamente uma unidade de estudo e nos obriga, pela força das coisas, a considerá-la ora estática, ora historicamente. Apesar de tudo, não se deve esquecer que, em teoria, tal unidade é superficial, ao passo que a disparidade dos idiomas oculta uma unidade profunda. (SAUSSURE, [1909-11]1916/2006, p. 116)

O factum linguarum, isto é, o fato de que, apesar de sua diversidade, as línguas constituem uma classe homogênea, não escapou a Saussure desde cedo. É o que podemos afirmar se, como Milner (1989, p. 45), partimos do pressuposto de que essa “multiplicidade-homogeneidade” é atestada justamente pela existência da tradução. Afinal, embora seja um fato pouco conhecido, a prática tradutória acompanhou Saussure desde a adolescência; e se nessa época, traduzindo a *Odisseia*, ele se divertia “enchendo a tradução de palavras coloquiais, palavras do patoá suíço, anglicismos e neologismos formados com base em raízes gregas” (MEJÍA QUIJANO; RESTREPO MONTOYA, 2008, p. 176), a vida adulta será testemunha dos efeitos dessa intrepidez que também seguirá o pesquisador em suas variadas incursões pelo universo da linguagem.

Quijano & Montoya analisaram manuscritos de Saussure referentes ao material de um curso por ele ministrado, ao que tudo indica, no período de 1895-98. Ali, examinando a tradução enquanto processo, as autoras depreendem que ele mobilizava sobretudo duas estratégias: primeiro, uma tradução literal; depois, uma tradução idiomática. Porém, como afirmam, isso se dava de uma forma complementar: “após ter realizado, ele próprio, a passagem de uma à outra”, muitas vezes propunha aos alunos as duas traduções, “frisando a *dinâmica* entre elas” (MEJÍA QUIJANO; RESTREPO MONTOYA, 2008, p. 189; grifo nosso).

A tradução, sobretudo a tradução como *processo* comparativo, não é uma excecência nas atividades do linguista. E se existe uma continuidade na passagem de uma prática a outra – análise filológica / exercício tradutório / decifração (MEJÍA QUIJANO; RESTREPO MONTOYA,

2008, p. 185) –, talvez se possa dizer que a tradução, em especial, é a responsável pelas cesuras, pelas *descontinuidades transigentes* – pensemos no *tr-* de que falava Derrida (2000) –, em sua íntima relação com o espaço, mas também com o tempo; logo, tanto corte quanto fluxo². No “Terceiro curso”, por exemplo, conforme as anotações de Émile Constantin (2005), Saussure mostrará a paradoxal função de conservação da língua que os tradutores desempenham: os linguistas, em seu trabalho, estariam inclusive em dívida com os tradutores, já que estes oferecem muitas informações a respeito da língua, as quais servem “precisamente para datar os estados de língua ou para acompanhar a sua evolução” (MEJÍA QUIJANO; RESTREPO MONTOYA, 2008, p. 177).

Se o tradutor, no sentido forte do termo, é entendido por Saussure como responsável por *reinscrições que historicizam*, podemos ler sua descrição das inovações que o precedem como reflexos da sua vivência da tradução enquanto um processo radical – e radical porque tem suas raízes fincadas na história. Afinal, se por um lado “esclarecer uma língua por meio de outra, explicar as formas duma pelas formas de outra” (logo, já uma prática teórica interlingual), era algo que ainda não havia sido feito até os estudos comparatistas; por outro, a linguística indoeuropeia se mostrava “exclusivamente comparativa, em vez de histórica”, passo que só foi dado posteriormente pelos estudos românicos – a “linguística propriamente dita” (SAUSSURE, [1909-11]1916/2006, p. 8, 10, 11). Desse modo, Saussure foi capaz de tirar consequências teóricas do fato de que, “na passagem de uma língua para outra, algo sempre permanece, mesmo que não haja ninguém para se lembrar”, pois não é dos sujeitos que se trata exatamente, mas das marcas que, através deles, lhes sobrevivem; do fato de que “um idioma retém em si mais memórias que os seus falantes e, como uma chapa mineral marcada por camadas de uma história mais antiga do que aquela dos seres vivos, inevitavelmente carrega em si a impressão das eras pelas quais passou” (HELLER-ROAZEN, 2005/2010, p. 67).

Se tomarmos esse grande “químico da linguagem” (MEJÍA QUIJANO; RESTREPO MONTOYA, 2008, p. 190) em suas duas facetas, o Saussure-tradutor e o Saussure-linguista, não custará inferir que o primeiro tenha despertado o interesse do segundo pela interpenetração das línguas e por sua materialidade histórica, mas também por uma dissociação que as línguas apresentam em relação aos seus próprios falantes: ora, se “não podemos situar a linguagem em meio às coisas humanas” (SAUSSURE, [1909-11]1916/1989, p. 317, n. 2202, col. 2), ainda que em nenhum momento as línguas existam fora do fato social (SAUSSURE, [1909-11]1916/2006, p. 92), é justamente porque, no instante em que elas se entretêm, o falante e sua demanda por sentido ficam a ver navios.

Assim, na obra saussuriana, as definições de *linguística propriamente dita* (Saussure) e *tradução propriamente dita* (Jakobson) vibram anacronicamente por simpatia no próprio *exercício* da língua. Em sua prática como tradutor, afinal,

A passagem da formulação literal para a formulação idiomática é um duplo processo de precisão do sentido: ela implica, primeiramente, uma espécie de *desapego da arbitrariedade da língua de partida* (a *desverbalização*), graças à tomada em consideração do valor sintagmático das palavras, que ganha relevo por meio dos elementos do ato de fala (MEJÍA QUIJANO; RESTREPO MONTOYA, 2008, p. 189; grifo nosso)

Traduzindo, Saussure dá voz à materialidade linguística, o que permite que o tradutor, “de certo modo, ‘sublim[e]’ a combinação sintagmática grega para dela extrair os traços evanescentes do sentido e tent[e], em seguida, torná-los novamente consistentes, ao reorganizá-los segundo o sentido global do ato de fala e os valores sintagmáticos das palavras” (MEJÍA QUIJANO; RESTREPO MONTOYA, 2008, p. 190). A desverbalização de que ele se vale, isso que “consiste num franqueamento dos signos linguísticos, prévio e necessário à síntese do sentido” (DELISLE, 2003, p. 36), mostra-se uma espécie de dissolução do texto original em suas letras de base, procedimento homólogo ao trabalho de luto: afinal, figurando como o avesso do

² Augusto dos Anjos ([1914] 1928, p. 309), em seu “O lamento das coisas”, ilustra essas duas vertentes do tempo: “Triste, a escutar, pancada por pancada, / A sucessividade dos segundos”. É digna de nota a presença das plosivas, ilustrando o tempo como corte; e das fricativas, ilustrando o tempo como fluxo.

trabalho do sonho, é justamente pela via da *descondensação* e da *fragmentação* que o luto opera (COPPEL-BATSCH, 2008).

Trata-se, assim, de um franqueamento tanto no sentido de conceder passagem às puras letras extrassenso quanto de liquidar o montante que libera esse traslado, a saber: o próprio sentido como tal. Desse modo, apesar da recusa em aproximar o tradutor da figura de Caronte (MESCHONNIC, 1999, p. 17) – o barqueiro que, na mitologia grega, transporta as almas pelo Hades –, interessa pensar o traquejo tradutório como *assentimento à morte*, no original, daquilo que é necessário para que a tradução desponha, por sua vez, provida de originalidade na outra margem. Para que o original se desdobre em suas possibilidades múltiplas, é preciso justamente que ele pague a língua; não por acaso, a moeda (“óbolo de Caronte”) com a qual o morto custeava o traslado realizado pelo barqueiro vinha depositada em sua própria boca.

Estará em jogo, assim, menos o que Ricoeur (2004) chamou de fazer o luto da *tradução absoluta*, mas a realização do luto da língua do outro como *língua original*, já que essa “chapa mineral marcada por camadas” extrapola todo e qualquer falante em seu exercício com a linguagem, seja ela língua-margem de partida ou de chegada. Partindo desse princípio, o tradutor repete o eco do gesto subversivo executado pelo *infans* em relação à língua do adulto, que lhe é então estrangeira. E a tradução convém ser pensada, mais precisamente, como uma prática de subjetivação (MILNER, [2004] 2014); ou ainda como reiteração daquilo que chamamos, acima, de *prototradução*: termo que se pode desdobrar no célebre aforismo freudiano que diz: “onde era isso, há de ser eu” (FREUD, [1933] 2010, p. 223; trad. modificada).

Que essa fosse também a prática de Saussure enquanto linguista não seria demasiado afirmar, oferecendo método àquilo que a pesquisa linguística de sua época e os seus respectivos interesses lhe haviam legado: “a arqueologia, a antropologia, o método da conjectura baseado na letra” (MILNER, [1992] 2010, p. 183). A própria dissertação de Saussure (1878) sobre as vogais indo-europeias, por exemplo, em que a análise fonológica de padrões morfológicos fez com que ele conjecturasse a existência de uma vogal que só se confirmaria muitos anos depois – com a descoberta da língua mais antiga no contexto indo-europeu, o hitita, em 1927 –, mostra esse curto-circuito temporal em que o método histórico-comparativo é capaz de revelar uma verdade trans-histórica, como quem revela o negativo antigo de uma fotografia de longa exposição.

Se um idioma persiste no outro (HELLER-ROAZEN, [2005] 2010, p. 70), e o próprio original não é estático – mas entrecruzamentos e ecos polifônicos dos outros falantes e línguas que o precederam –, podemos ler aí uma reincidência da virada pronominal que ocorre na aquisição de primeira língua, revelando ao observador atento que o adulto já fora a criança de um outro adulto, o qual, por sua vez, nele também reverbera. Eis aí, pois, o *factum loquendi*, o fato de que há seres falantes (MILNER, 1989, p. 41): ponto de contato entre Freud e Saussure – esses ilustres contemporâneos desconhecidos um do outro –, cuja ressonância encontrará abrigo no labirinto teórico de Lacan, sobretudo na compreensão de um elemento fundamental da clínica psicanalítica.

4. JACQUES LACAN E O *FACTUM LALINGUÆ*

Em seu *Seminário 6*, Lacan formula que o corte é o modo mais eficaz da interpretação analítica (LACAN, [1958] 1998). Seria pelo corte, então, com as suas diversas acepções e incidências clínicas, que conviria abordar o ponto fulcral da lida com o inconsciente, a saber, o desejo e a sua interpretação. E interpretação não no sentido em que ela se aproximaria de uma hermenêutica, mas sobretudo das artes cênicas, pois interessa fundamentalmente ao sujeito poder extrair de uma análise algo que contribua para que ele seja capaz de interpretar, no mundo, o seu próprio papel – não por acaso o autor recorrerá a Hamlet para articular suas proposições no decorrer do referido seminário.

Entendida como expediente de restauração, em parceria com o sujeito, daquilo que ele não consegue acessar por si só – e também de abertura para a decisão, diante do descoberto, quanto ao destino que ele dará para isso –, a interpretação analítica como corte é, intrinsecamente, *uma prática com a diferença*. Nesse sentido, se “a equivalência na diferença” é “o problema principal da linguagem” (JAKOBSON, [1959] 2003 p. 65), ela será não apenas preocupação

capital da linguística, mas também o principal dilema e instrumento da psicanálise. Dilema e instrumento porque o sujeito, assim como o objeto, “só está lá nos intervalos, nos cortes” (LACAN, [1958-59] 2016, p. 409), e isso que corta, fatidicamente, tem dois gumes. Assim, introduzir a diferença, em termos clínicos, teria como horizonte encetar o corte com um dos lados dessa lâmina sem se deixar premer pelo outro fio: aquele que, embotado, obtura com sentido os interstícios nos quais o que interessa à escuta analítica se deixa revelar.

Expediente fundamental ao psicanalista, portanto, o corte é pensado por Lacan em conjunção com a prática tradutória. Isso porque

a interpretação, para decifrar a diacronia das repetições inconscientes, deve introduzir na sincronia dos significantes que nela se compõem algo que, de repente, *possibilite a tradução* [...] Pois ela não se fundamenta em nenhuma assunção dos arquétipos divinos, mas no fato de o inconsciente ter a estrutura radical da linguagem; que um material funciona nela segundo leis, que são as descobertas pelo estudo das línguas positivas, das línguas que são ou foram efetivamente faladas. (LACAN, [1958] 1998, p. 599-600; grifo nosso)

Assim, em seu diálogo com Julia Kristeva na década de 1970, Lacan afirmará que, embora não haja metalinguagem, *há metalíngua*. E segundo ele, “metalinguar é traduzir” (LACAN, 1977d), já que “metalíngua” não pode querer dizer outra coisa, senão tradução; afinal, “não se pode falar de uma língua, a não ser numa outra língua” (LACAN, 1977b) – ecoando, ao seu modo, o “esclarecer uma língua por meio de outra” de que falava Saussure a respeito das inovações comparatistas.

Na tradução, segundo Lacan, residiria não apenas a chave do saber constituído sobre as línguas – quer na linguística, quer na psicanálise –, mas propriamente um disparador para um arroubo das potencialidades de uma língua que só se disparam em contato com outras, no atravessamento das cesuras, nas descontinuidades entre idiomas – ou entre estados de língua dentro de um mesmo idioma – que transigem e cujas barreiras, a partir dali, tanto se desfazem quanto se fazem ver. Assim, feito os cabos de uma embarcação, as línguas “distendem-se ao se traduzirem uma na outra” (LACAN, 1977c), e é aí que mora o seu elã, que o tradutor transporta em sua barca ressarcido pelo *óbolo de lalíngua*: isso que, embora em uso, não pode ser considerado vivo (LACAN, 1974). Ora, depósito dos ecos do dizer, é a morte da palavra que lalíngua veicula; ela ressepulta o próprio signo como elemento diferencial, curto-circuitando e confundindo a língua enquanto sistema de diferenças regido pela arbitrariedade.

Assim, o verbo *to lose* [perder] consolidado na expressão *lost in translation*, faz ouvir *to loose* [afrouxar], de modo que o tradutor é aquele que, nos interstícios entre as línguas que traduz – o rio que ele aprende a percorrer –, dá azo a um espaço em que algo dessa ordem, descabida em termos de sentido, encontra por onde reverberar. Por isso tem cabimento dizer, com Lacan, num elogio à tradução como exercício avesso ao comodismo, que “o uso de outras línguas[, em vez de traduzir,] é ao mesmo tempo útil e prejudicial”; isso porque ele “evita que façamos esforços, que façamos, na nossa própria língua, a substituição de significantes graças à qual podemos chegar a visar a um certo significado, pois é preciso, então, mudar todo o contexto para obter o mesmo efeito” (LACAN, [1958-59] 2016, p. 30) – ponto em que reencontramos, uma vez mais, o eco do pronominal e subversivo trabalho de luto realizado pelo *infans* em suas mudanças de posição em relação à fala do adulto.

A desverbalização e a dissolução do sentido, presentes no metalinguar lacaniano, têm como horizonte a *significância*, isso que a palavra ilustra por meio do seu próprio som e que evoca o funcionamento da escrita que Freud havia sabido reconhecer em *A interpretação dos sonhos* (FREUD, [1900] 2019). É sob essa égide que Lacan será capaz de afirmar que *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, título de um de seus seminários, é bem o resultado de uma operação no sentido da metalíngua, e isso fundamentalmente ao propor traduzir o *Unbewußte* [inconsciente] freudiano por *une-bévue* (LACAN, 1977b). Afinal, “em alemão, isso quer dizer ‘inconsciente’; mas, traduzido por *une-bévue*, isso quer dizer toda uma outra coisa”, a saber: “um obstáculo, um tropeço, um deslize de palavra em palavra; e é bem disso que se trata quando erramos a chave para abrir uma porta que, muito precisamente, essa chave não abre” (LACAN, 1977a).

Se é pela via da *descondensação* e da *fragmentação* que o luto opera, pode-se dizer que ele – que é o avesso do trabalho do sonho, como dissemos – é da ordem da *desverbalização*. E que a reverberização configura a saída de uma relutância; uma inserção do objeto da tradução na língua-margem de chegada, que, em terra firme, é restituída de sua *função-etc.*: é capaz de reverberar, distendida em suas possibilidades, na língua para a qual se traduziu. E se Lacan traduz o *Unbewußte* freudiano por *une-bévue*, ele nos convida, por sua vez, a traduzi-lo ao português por *um-embuste*: arditosos que são os expedientes e a cilada que o inconsciente configura, aos quais à nossa escuta, enquanto analistas, será imperativo dar ouvidos.

Mas e quando, frente a esse trânsito, o sujeito recua; quando ocorre, nas palavras de Freud, um *impedimento de tradução* (FREUD, [1896] 1950), isto é, um recalque? Ora, vejamos: é possível reconhecer a vigência de um segundo tempo quando Freud afirma que “o recalque propriamente dito é um decalque” (FREUD, [1915] 1982, p. 109), isto é, existe um primeiro, um *protorcalque*, um recalque originário – o recalque propriamente dito em toda a sua força de atração, da qual falará o autor no ano de 1915. E em termos de origem, se nos deixamos orientar pelo alemão do autor, temos uma informação digna de nota: afinal, *Ursprung* [origem] é composta pela partícula *ur-* [proto-] e pelo termo *Sprung* [pinote e fissura]. Logo, salto e fenda: uma irrupção, tanto na medida em que algo desponta quanto na medida em que, junto desse algo, instala-se uma cisão e demanda-se, a partir dali, numa só tacada, tanto *reinscrição* quanto *decalcamento*. Nesse sentido, assim como a transferência e a resistência articulam-se uma à outra (LACAN, [1954]1998), sem recalçamento tampouco há tradução.

Porém, ao mesmo tempo que a *premência* (ou *calcamento*) original – no sentido daquilo que aperta, espreme, contunde – é justamente o que dá brecha a traduções e exige, então, os seus lutos e decalques, tudo depende do que faremos com o óbolo que, enquanto tradutores, nos é legado. Se o recusarmos, na esperança de não revirar a língua disso que chega à nossa barca, com receio de reconhecer ali um cadáver, é com o nosso próprio eu que pagaremos em vida – o nosso e, por consequência, o da nossa própria língua. O efeito disso será, justamente, o assoreamento do leito em que essas línguas se deitariam e, mutuamente, se estirariam a metalinguar: a redução da brecha, deixando menos caudalosas as águas do traslado; o encolhimento das margens, a tal ponto que, no limite, sequer caberá o barco.

E se assim for, na terra da indiferença, ali onde secou o rio do esquecimento – e os riscos de origem, excessivamente presentes, não se deixam rasurar e reescrever –, a prática com o verbo tenderá a ler no começo de toda frase um ponto final: a sombra do objeto (que não se quer perder) recai sobre o eu (que, com isso, nada ganha). Dessa forma, custará a eclodir algo que relance o dado; algo que reverbere ali feito lembranças epifânicas, carregando consigo o entusiasmo de se desdobrar no horizonte da palavra... e assim por diante.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Augusto dos. [1914]. O lamento das coisas. In: *Eu e outras poesias*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1928, p. 309.
- BARTHES, Roland. [1977]. *Leçon*. Paris: Éditions du Seuil, 1978.
- BENVENISTE, Émile. [1952]. Comunicação animal e linguagem humana. *Problemas de linguística geral*; Tradução: M. G. Novak; L. Neri. São Paulo, Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976, p. 60-67.
- CONSTANTIN, Émile. Linguistique générale, Cours de M. le Professeur de Saussure, 1910-1911. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 58, Genebra: Droz, 2005.
- COPPEL-BATSCH, Marthe. Le travail de deuil de Martine Lussier. *Revue française de psychanalyse*, vol. 2, n. 2, p. 523-527, 2008. Disponível em: doi.org/10.3917/rfp.722.0523. Acesso em: 5 abr. 2021.
- CORDEMOY, Géraud de. *Discours physique de la parole*. Paris: F. Lambert, 1668. Disponível em: gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50506f. Acesso em: 5 abr. 2021.
- DE LEMOS, Claudia Thereza Guimarães. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 42, p. 41-69, 2002. Disponível em periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637140. Acesso em: 5 abr. 2021.

- DE LEMOS, Claudia Thereza Guimarães. Sobre os pronomes pessoais na fala da criança. *Letras de Hoje*, vol. 39, n. 31, 2013. Disponível em: revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/13899. Acesso em: 5 abr. 2021.
- DELISLE, Jean. *La traduction raisonnée*. 2ª. ed. Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa, 2003.
- DERRIDA, Jacques. O que é uma tradução “relevante”? [Tradução: O. N. Santos]. *Alfa*, São Paulo, vol. 44, n. esp., p. 13-44, 2000.
- FREUD, Sigmund. [1891]. *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico*. Tradução: E. B. Rossi. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- FREUD, Sigmund. [1893-95]. *Estudos sobre a histeria* – em coautoria com Josef Breuer. Tradução: L. Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FREUD, Sigmund. [1896]. “Brief an Wilhelm Fliess vom 06.12.1896”. In: *Aus den Anfängen der Psychoanalyse: Briefe an Wilhelm Fliess, Abhandlungen und Notizen aus den Jahren 1887-1902*. London: Imago, 1950.
- FREUD, Sigmund. [1900]. *Obras completas, vol. 4: A interpretação dos sonhos*. Tradução: P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- FREUD, Sigmund. [1905]. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. In: *Obras completas, vol. 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria (O caso Dora) e outros textos*. Tradução: P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 13-172.
- FREUD, Sigmund. [1915]. “Die Verdrängung”. In: *Studienausgabe*, vol. III: “Psychologie des Unbewußten”. Frankfurt am Main: Fischer, 1982, p. 103-118.
- FREUD, Sigmund. [1915]. *Luto e melancolia*. Tradução: M. Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- FREUD, Sigmund. [1930]. “O mal-estar na cultura”. In *Cultura, Sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Tradução: M. R. Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 305-410.
- FREUD, Sigmund. [1933]. “31. A dissecação da personalidade psíquica [Novas conferências introdutórias à psicanálise]”. In: *Obras completas, vol. 18: O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. Tradução: P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 192-223.
- FOUCAULT, Michel. [1963]. *Raymond Roussel*. Tradução: M. B. da Motta; V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- HALL, Jonathan. The role of language in Greek ethnicities. *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, n. 41, p. 83-100, 1995. Disponível em: www.jstor.org/stable/44696719. Acesso em: 5 abr. 2021.
- JAKOBSON, Roman. [1959]. Aspectos linguísticos da tradução. In: *Linguística e comunicação*. Tradução: I. Blikstein; J. P. Paes. São Paulo: Cultrix, 2008, p. 63-72.
- LACAN, Jacques. [1954] Introdução ao comentário de Jean Hyppolite sobre a *Verneinung* de Freud. In: *Escritos*. Tradução: V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 37-382.
- LACAN, Jacques. *La troisième*, 1974. Disponível em: www.valas.fr. Acesso em: 5 abr. 2021.
- LACAN, Jacques. [10 Mai 1977]. In: *Le Séminaire, livre XXIV: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, 1977a. Disponível em: staferla.free.fr/S24/S24.htm. Acesso em: 5 abr. 2021.
- LACAN, Jacques. [17 Mai 1977]. In: *Le Séminaire, livre XXIV: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, 1977b. Disponível em: staferla.free.fr/S24/S24.htm. Acesso em: 5 abr. 2021.
- LACAN, Jacques. [19 Avril 1977]. In: *Le Séminaire, livre XXIV: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, 1977c. Disponível em: staferla.free.fr/S24/S24.htm. Acesso em: 5 abr. 2021.
- LACAN, Jacques. [15 Novembre 1977]. In: *Le Séminaire, livre XXV: Le moment de conclure*, 1977d. Disponível em: staferla.free.fr/S25/S25.htm. Acesso em: 5 abr. 2021.
- LACAN, Jacques. [1958-59]. *O seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação*. Tradução: C. Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- LACAN, Jacques. [1958]. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Tradução: V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 591-652.
- MESCHONNIC, Henri. *Poétique du traduire*. Lagrasse, Verdier, 1999.
- MILNER, Jean-Claude. *Introduction à une science du langage*. Paris: Seuil, 1989.
- MILNER, Jean-Claude. [1992]. Linguística e Psicanálise [Tradução: P. S. de Souza Jr.] *Revista Estudos Lacanianos*, Belo Horizonte, vol. 3, n. 4, 2010. Disponível em: pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-07692010000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 5 abr. 2021.
- MILNER, Jean-Claude. Saussure – retour à Saussure. In: *Le périple structural: figures et paradigme*. Verdier: Seuil, 2002, p. 15-57.

- PÉCHARMAN, Martine. La signification dans la philosophie du langage d'Antoine Arnauld. In: PARIENTE, Jean-Claude. (org.). *Antoine Arnauld. Philosophie du langage et de la connaissance*. Paris: Vrin, 1995, p. 65-98.
- PONTALIS, Jean-Bertrand [1990]. *A força de atração*. Tradução: L. Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- MEJÍA QUIJANO, Claudia; RESTREPO MONTOYA, Natalia. Ferdinand de Saussure, traducteur. *Cahiers Ferdinand De Saussure*, 61, p. 175-198, 2008. Disponível em: <www.jstor.org/stable/27758777>. Acesso em: 5 abr. 2021.
- RICOEUR, Paul. [2004]. *Sobre a tradução*. Tradução: P. Lavelle. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.
- SAUSSURE, Ferdinand de. [1878]. *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Leipzig: Teubner.
- SAUSSURE, Ferdinand de. [1916]. *Cours de linguistique générale*, vol. 1. Org. R. Engler. Wiesbaden: Harrassowitz, 1989.
- SAUSSURE, Ferdinand de. [1916]. *Curso de linguística geral*. 27ª ed.. Org. C. Bally; A. Sechehaye. Tradução: A. Chelini; J. P. Paes; I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SAUSSURE, Ferdinand de [2002] *Escritos de linguística geral*. Tradução: C. A. L. Salum; A. L. Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.
- VAIHINGER, Hans. *Die Philosophie des Als Ob.*, 7ª/8ª Leipzig: Felix Meiner, 1922. Disponível em: <<https://archive.org/details/DiePhilosophieDesAlsOb>>. Acesso em: 5 abr. 2021.

Recebido: 5/4/2021

Aceito: 1/9/2021

Publicado: 23/11/2021